

Livros pra juventude

Logo que a literatura infantojuvenil brasileira surgiu, CMSP foi procurada por escritores para que obras do gênero fossem distribuídas nas escolas

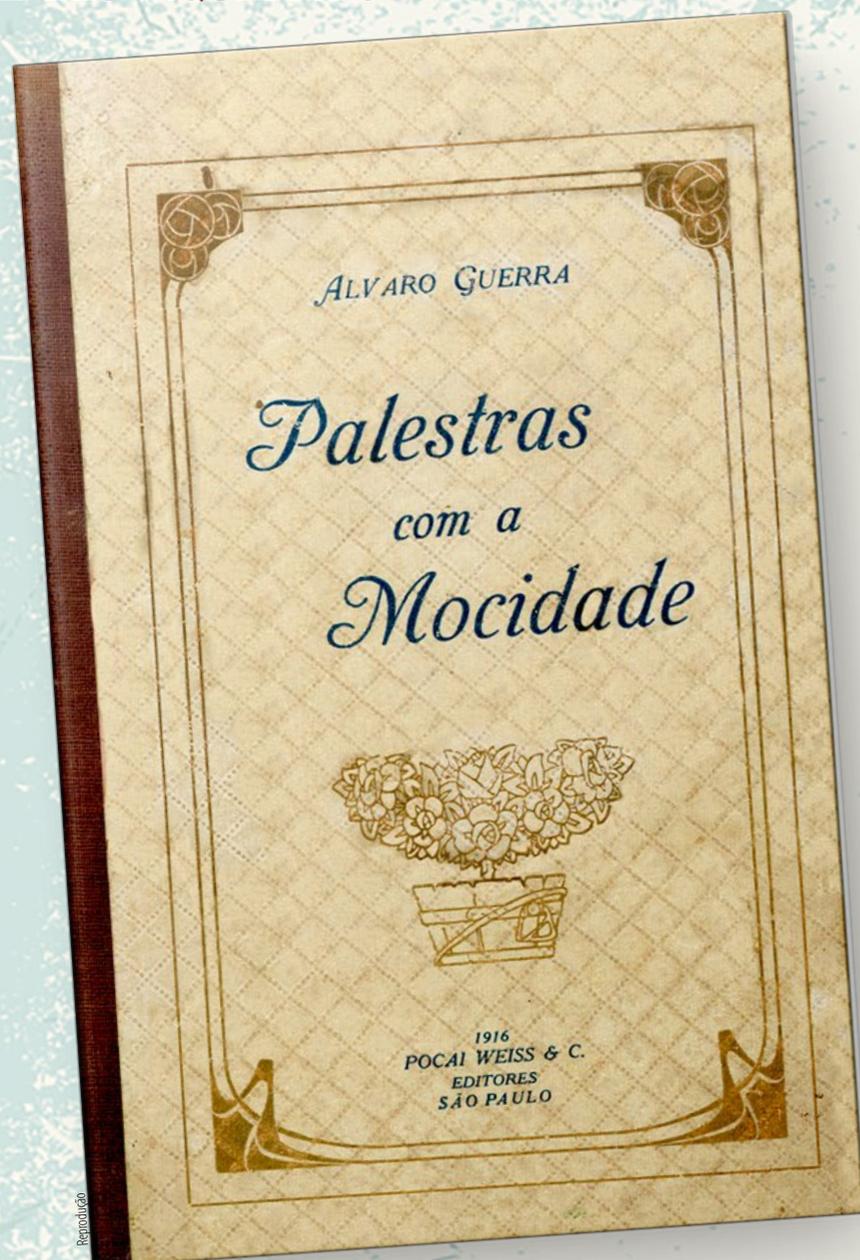
Rodrigo Garcia | rodrigogarcia@camara.sp.gov.br

A literatura infantojuvenil brasileira ainda engatinhava nas primeiras décadas do século 20. Em 1910, o poeta Olavo Bilac e o educador Manoel Bomfim lançaram o livro *Através do Brasil*, um dos primeiros sucessos do segmento. Dez anos depois, Monteiro Lobato publicou *A menina do narizinho arrebitado*, que passou a ser o primeiro capítulo da obra *Reinações de Narizinho* e se tornou um clássico. Na época, a Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) foi procurada por autores que escreviam para os jovens e queriam divulgar essas obras.

Em 1º de dezembro de 1917, o professor, jornalista e poeta Alvaro Maria d'Almada Guerra protocolou um ofício manuscrito destinado ao então presidente da CMSP, Raymundo da Silva Duprat (o barão de Duprat), e aos outros vereadores informando que havia publicado *Palestras com a mocidade*, “livro de caráter didático e propaganda nacionalista”. O autor solicitava que a Câmara comprasse mil exemplares para ajudar no pagamento da edição e que a obra fosse distribuída entre alunos e professores de São Paulo. Hoje, esse pro-



INÍCIO
Capa de um dos primeiros livros infantis brasileiros, oferecido à CMSP



cesso e um exemplar do livro fazem parte do acervo do Arquivo Geral da CMSP. A obra pode ser acessada pelo link <https://goo.gl/09Qak1>.

Aos 49 anos, Alvaro Guerra, nascido em Pirai (RJ), era um nome conhecido no meio literário. Já havia publicado, por exemplo, *No lar e Páginas cristãs*. Em 1909, foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras (APL). *Palestras com a mocidade* é um livro de 128 páginas dedicado à

juventude brasileira. O autor explicou por que resolveu escrevê-lo citando o político romano Cícero: “que serviço mais relevante podemos prestar à República do que ensinar e instruir a mocidade?”. Segundo Guerra, “ser moço é ser forte, nobre, generoso e justo, é ter todos os sonhos de justiça”.

O livro oferecido à Câmara Municipal é composto por aulas sobre literatura nacional, geralmente com análises sobre escritores. Guerra

conta que Castro Alves, conhecido como o poeta dos escravos por ter defendido a abolição da escravatura, tinha “a fronte ampla aureolada por linda cabeleira romântica” e que a multidão que o ouvia admirava tanto a qualidade de seus versos quanto a forma como discursava.

O autor também mostra sua satisfação ao ver meninos na Praça da República, no Centro de São Paulo, que admiravam o busto do escritor Álvares de Azevedo. “Com prazer verifiquei que aquelas crianças já conheciam o nome do poeta, já citavam algumas de suas produções”, afirma. Ele encerra o livro com uma declaração de confiança no futuro do País: “amemos o que é nosso, só assim daremos a este MUITO NOSSO Brasil o pouco que ainda lhe falta para que ele não mais se figure aos povos civilizados como um país de bugres ou de símios”.

O pedido de Guerra seguiu para a Comissão de Finanças e foi encaminhado à Prefeitura. Lá, o livro chegou às mãos de um funcionário que leu a obra e fez críticas positivas, em um despacho manuscrito ao diretor-geral do órgão: “o livro é, ao mesmo tempo, interessante e útil, quer como obra didático-literária, quer como bem orientado meio de propaganda nacionalista”. A conclusão do despacho defende a distribuição dos exemplares, pois “esses moços precisam ler livros assim – de doutrina sã, elevada, nobremente patriótica”.

Em ofício de 15 de junho de 1920, destinado à Presidência da CMSP, o prefeito Firmiano Morais Pinto também fez boas críticas à obra. Mas ressaltou que a disponibilização “às escolas, linha de tiro [treinamento militar para jovens, atualmente

mais conhecido como Tiro de Guerra] e outras sociedades deve competir mais ao Estado do que à Municipalidade”.

A discussão sobre a compra e distribuição do livro continuou na CMSP. Em 5 de fevereiro de 1921, os vereadores Raymundo da Silva Duprat, que já tinha sido prefeito, e Luciano Gualberto apresentaram uma proposta que autorizava a Prefeitura a adquirir mil exemplares para distribuir entre alunos e professores das escolas instaladas no Município. Quando a proposta chegou às comissões de Justiça e de Finanças, ficou decidido que a compra dos livros não deveria ser autorizada pelo prefeito, mas sim pelo presidente da CMSP, e a compra foi permitida.

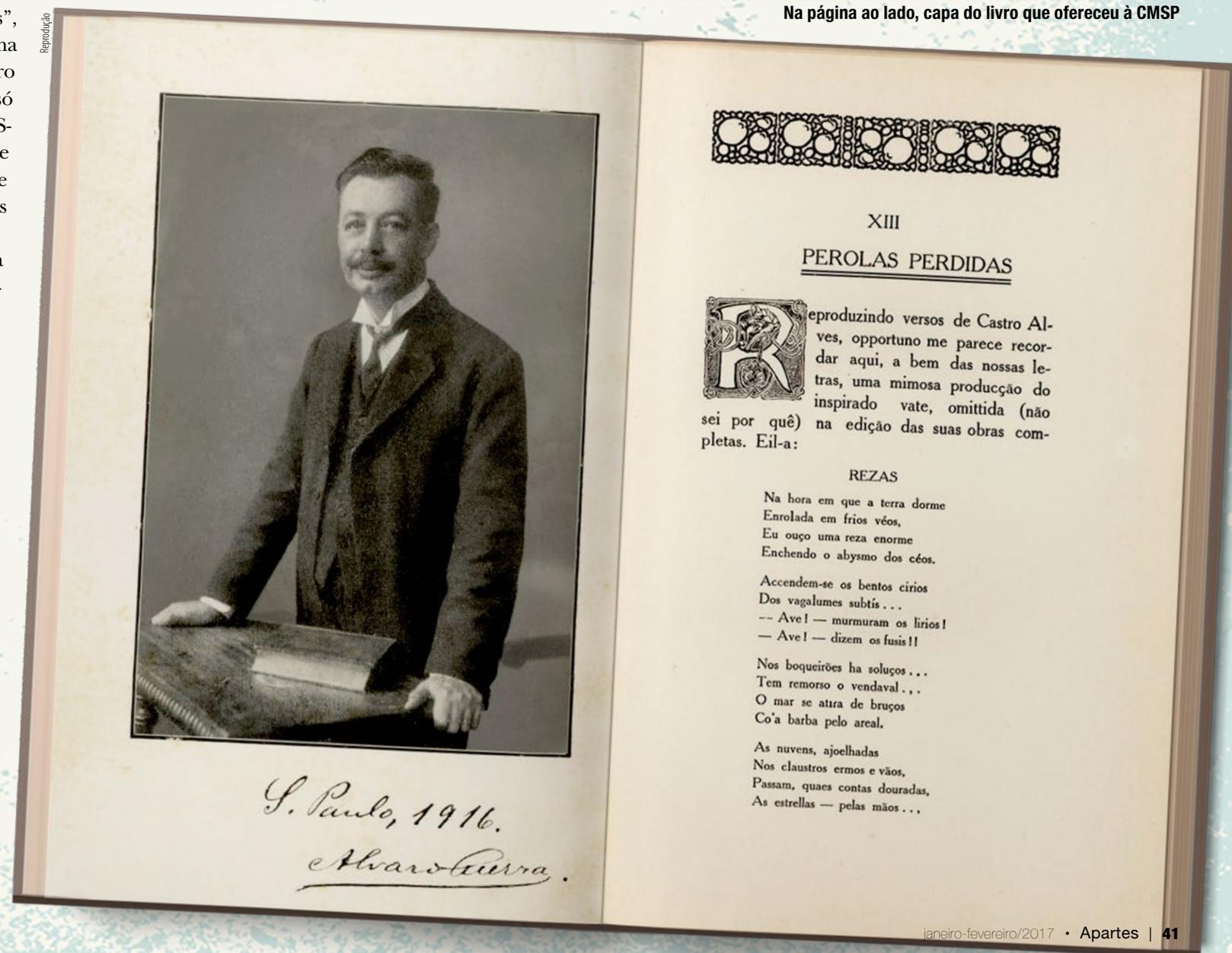
Alvaro Guerra morreu em 1942 e, indiretamente, continua a estimular o hábito de leitura entre os jovens, pois desde 1973 é nome de uma biblioteca pública municipal em Pinheiros, zona oeste de São Paulo.

LIÇÕES E CONSELHOS

Também na década de 20 do século passado, outro escritor infantojuvenil, José Corrêa da Silva Junior, procurou os vereadores para oferecer 500 exemplares de seu livro *A alegria de ser criança*, para que fossem comprados pela Câmara e distribuídos entre os alunos das escolas subvencionadas pelo Município.

IMORTAL

Alvaro Guerra foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras. Na página ao lado, capa do livro que ofereceu à CMSP





BRINCADEIRA • Anedotas do livro *A alegria de ser criança*

Em um requerimento manuscrito, datado de 1º de abril de 1929 e que está no Arquivo Geral da CMSP, Corrêa Junior cita o “alto propósito que preocupa o espírito dos atuais legisladores municipais, de pugnar [lutar] em defesa da educação intelectual e moral das crianças paulistas, dotando-as com elementos necessários à consecução [conquista] de tão nobre fim”. O requerente também afirma que livros infantis levam aos menores “ensinamentos que concorrerão para torná-los perfeitos como cidadãos”.

A *alegria de ser criança*, com 54 páginas e 20 ilustrações, traz poesias, fábulas e crônicas com ensinamentos cívicos e éticos. Alguns dos temas são válidos ainda hoje, como o respeito aos pais, ao meio ambiente e ao local onde se vive. Por exemplo, no capítulo *São Paulo*, Corrêa Junior

propaga: “ama com orgulho a tua cidade. Não só pela grandeza física, pelo seu extraordinário progresso material – mais ainda e, sobretudo, pela poesia de seu destino”.

Há, entretanto, algumas lições antiquadas para os dias atuais. Enquanto muitas obras infantis contemporâneas defendem a liberdade, a criatividade e ousadia, na fábula *O lenço de seda e o lenço de algodão*, a moral é “quem diz o que quer, ouve o que não quer”. Já em *A pedra que queria imitar a montanha*, a conclusão é “não desejes senão o que estiver ao teu alcance”.

O livro traz, também, preleções sobre questões sociais. No poema *Conselhos a um estudante pobre*, Corrêa Junior afirma que tanto o rico quanto o pobre têm motivos para se orgulhar, pois se o pobre é grande no

trabalho, o rico é grande pela caridade. E conclui: “se és pobre, sê feliz, bendize o teu destino, sê risonho!”.

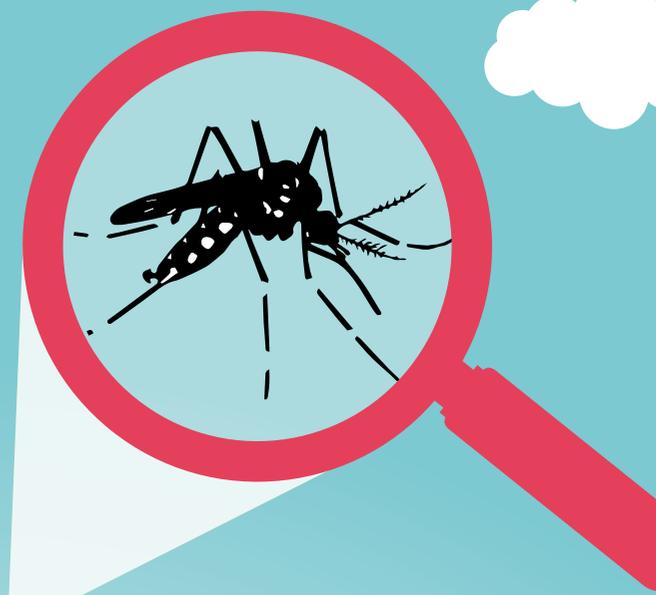
O requerimento de aquisição foi encaminhado às comissões de Justiça e de Finanças. Ambas autorizaram o presidente da CMSP, Luiz Antonio Pereira da Fonseca, a realizar a compra, sob a alegação de que “o livro citado tem obtido merecidos elogios tanto da imprensa como de educadores e intelectuais paulistas”.

Em 27 de abril de 1929, Fonseca determinou a compra. Um exemplar do livro foi anexado ao processo e pode ser acessado no Portal da Câmara, pelo link <https://goo.gl/VEUk2o>.

Em 1965, Corrêa Junior, alagoano de Pilar que morava em São Paulo desde os 18 anos, recebeu o Título de Cidadão Paulistano, proposto pelo vereador Pedro Geraldo Costa.

Com o Aedes Aegypti

NÃO SE PODE BRINCAR



O *Aedes aegypti* é transmissor de doenças graves:

DENGUE, FEBRE AMARELA, FEBRE ZIKA e CHIKUNGUNYA

- Mantenha lixeiras bem fechadas
- Não deixe água acumulada
- Tampe bem tonéis e barris d'água
- Coloque o lixo em sacos plásticos
- Encha de areia os pratos de vasos e lave-os semanalmente

